

Henrique Iwao
julho 2019

Acessar o Hiper-Caos

0.

Ao aceitarmos a formulação do absoluto especulativo não metafísico Hiper-Caos, por Quentin Meillassoux, como nos relacionamos com este? Sabemos que não é um ente mas sim um regime ontológico. Queremos, entretanto, ver seus indícios, além dos argumentos que o instituem. Queremos desdobra-lo, de modo a fazê-lo palpável. E intuí-lo aqui e ali. Como se isso fosse insuficiente, o imaginamos como um Deus, ou ao menos, comparamos este ao Deus Veraz de Descartes. Pois não teria Descartes também vislumbrando um pedaço da eterna contingência, tangenciado o Tempo superior, aquele que potencialmente a tudo altera? E então, também não o teria, Lovecraft, na figura de Azathoth, o deus cego e idiota? Se não nos recolhemos amedrontadamente como os habitantes do universo dos mitos de Cthulhu, é porque a racionalidade é ensolarada, e nossa imaginação não dominada por pesadelos. Assim, terminaremos com um deslize absolutista, ao falhar em formular a radical potência de ser outro, formulando-a apenas correlacionalmente, para nós, no cômico e absurdo gerador de improbabilidade infinita, de Douglas Adams. Em tudo isso, nos indagamos o que o Hiper-Caos poderia ser e preparamos assim imaginação para a difícil tarefa de lidar com aquilo que, fulgurando, a evapora.

1.

Em *Depois da Finitude*, Quentin Meillassoux fala do Hiper-Caos, o único absoluto possível. Uma forma extrema de caos, para o qual nada seria impossível ou impensável, O Hiper-Caos seria:

"um poder um tanto ameaçador - algo insensível e capaz de destruir tanto coisas quanto mundos, de gerar absurdidades monstruosas, e ainda de nunca fazer nada, de realizar todo sonho, mas também todo pesadelo, de engendrar transformações aleatórias e frenéticas, ou contrariamente, de produzir um universo que se mantém imóvel até seu mais profundo âmago, como uma nuvem carregando as mais furiosas tempestades, então os mais estranhos encantos brilhantes, mesmo que apenas para um intervalo de calma inquietante. Nós vemos uma onipotência igual aquela do Deus Cartesiano, capaz de tudo e até mesmo o inconcebível; mas uma onipotência que se tornou autônoma, sem normas, cega, destituída de outras perfeições divina, um poder sem nem bondade nem sabedoria, indisposto a tranquilizar o pensamento acerca da veracidade de suas ideias distintas. Nós vemos algo similar ao Tempo, mas um Tempo tanto inconcebível à física, pois capaz de destruir sem causa ou razão qualquer lei física, quanto à metafísica, pois capaz de destruir qualquer entidade determinada, mesmo um deus e mesmo

Deus. Não um tempo Heraclítico, pois não é a lei eterna do tornar-se, mas antes o eterno e desregrado tornar-se de toda lei. É um Tempo capaz de destruir até mesmo o tornar-se ele mesmo ao trazer, talvez para sempre, a fixidez, o estase e morte." (Melliassoux, 2008, p. 64)¹

Essa forma de caos, entretanto, teria duas figuras, dele derivadas dedutivamente. Estas seriam propriedades da absoluta contingência e o auto-limitar em sua onipotência. O capítulo 3 do livro, "O Princípio da Factualidade" (idem, p. 65-79), as alcança e as determina como (i) a necessidade de que haja algo - o "há algo", propriedade que garantiria a instanciação da contingência; e (ii) a impossibilidade de contradição lógica clássica, que algo seja ao mesmo tempo p e $\sim p$, propriedade que impediria o surgimento de um ente necessário. Esse caos superior seria então a contingência absoluta, desdobrada no "deve haver ao menos algo" e na impossibilidade da contradição.

Esse princípio da Irração seria então a pedra de toque passível de servir como fundação absoluta do conhecimento, pois que válido para todos os mundos possíveis. Como irrazão fundante, a contingência, desdobrada no Hiper-Caos (na contingência absoluta operatória e produtiva), não seria metafísica. Para Melliassoux, todo absoluto metafísico envolveria postular um ente necessário, junto ao princípio de razão suficiente, que este ente justificaria em última instância, ao ser causa de si mesmo. Como horizonte de aparição de todo o ente, o Hiper-Caos seria absoluto e então absolutamente necessário, sem entretanto ser um ente e tampouco provendo razões que explicariam a atualidade dos seres. Que o Hiper-Caos, enquanto Ser, seja a contingência dos seres, também assim desmontaria a ideia de que o Ser se confunda com o pensamento, dado que o pensamento seria apenas mais um dos desdobramentos a partir do Hiper-Caos. Portanto, o Hiper-Caos romperia com o correlacionismo de Heidegger, quando este interpreta o Ser nas linhas de Parmênides, entrelaçado ao pensar, "mesmidade de pensar e ser" (Heidegger, 1996, p.175).

Em outra ocasião o autor, a partir dessa mesma distinção, estabelece o vocabulário: seu absoluto é dito absolutório, enquanto que um absoluto metafísico seria absolutista. Metafísicas seriam as filosofias que sustentam o absoluto com auxílio do princípio da razão, estabelecendo que as coisas devem ser como são e não de

¹ "a rather menacing power - something insensible, and capable of destroying both things and worlds, of bringing forth monstrous absurdities, yet also of never doing anything, of realizing every dream, but also every nightmare, of engendering random and frenetic transformations, or conversely, of producing a universe that remains motionless down to its ultimate recesses, like a cloud bearing the fiercest storms, then the eeriest bright spells, if only for an interval of disquieting calm. We see an omnipotence equal to that of the Cartesian God, and capable of anything, even the inconceivable; but an omnipotence that has become autonomous, without norms, blind, devoid of the other divine perfections, a power with neither goodness nor wisdom, ill-disposed to reassure thought about the veracity of its distinct ideas. We see something akin to Time, but a Time that is inconceivable for physics, since it is capable of destroying, without cause or reason, every physical law, just as it is inconceivable for metaphysics, since it is capable of destroying every determinate entity, even a god, even God. This is not a Heraclitean time, since it is not the eternal law of becoming, but rather the eternal and lawless possible becoming of every law. It is a Time capable of destroying even becoming itself by bringing forth, perhaps forever, fixity, stasis, and death."

outro modo. E isso implicaria que "o absoluto se apresenta sob a forma de seres vivos ou modos de ser modalmente privilegiados, tidos como necessários" (Melliassoux, 2018, p. 16). O modo metafísico do absoluto é absolutista, isto é, sempre da ordem do ser-assim. Contrariamente, o absoluto da Irração é absolutório, pois não se apoia no princípio da razão suficiente e "não tem mais a forma de ser ou modo de ser necessário, mas a de uma contingência de todo ser vivo e de todo modo de ser - de uma racionalidade liberada da necessidade de que as coisas sejam assim e não de outra forma". (idem).

A questão então colocada seria: como, a partir desse princípio absoluto, obteríamos uma fundação do discurso científico? De um absoluto primário, análogo ao Deus cartesiano, Melliassoux buscaria então estabelecer o absoluto matemático, análogo à substância extensa. A questão seria então pensar como esse Caos passível de todo tipo de movimento destruidor poderia, analogamente ao Deus veraz, garantir a absolutidade do discurso científico.

2.

A segunda parte do artigo *Iteração, reiteração, repetição - Uma análise especulativa do signo desprovido de sentido, o Ensaio de derivação do galileísmo* começa a trilhar esse percurso. O galileísmo é entendido como a matematização da natureza. A derivação é dita factual, porque baseada no dado positivo especulativo de que a contingência é absoluta, e legitimaria um enfoque absolutório para a ciência moderna. A meta seria chegar à conclusão que a matematização da natureza tem um caráter absoluto vinculado à irrazão cósmica do Hiper-Caos.

O argumento pode ser resumido assim: as linguagens naturais, com suas redes de significados e construções conceituais, são formadas pelo humano, para o humano. São linguagens diretamente conectadas a aspectos culturais, correlacionados à nossa existência como humanos. Contrariamente, é preciso mostrar a possibilidade de que uma linguagem formal tenha como essência algo diverso. Que ela possa ser tomada como independente das redes intencionais próprias ao modo como correlacionamos mundo e linguagem. Que possa estabelecer fatos radicalmente independentes do pensamento quanto à sua existência, mas também submissos ao regime superior do tempo, o Hiper-Caos. Ou seja, que essa linguagem possa falar sobre qualidades primárias.

Essa linguagem formal deve, afim de se tornar uma candidata apropriada, poder ser formulada como neutralizando seu caráter intencional, ou como sendo possível anteriormente ao estabelecimento desse caráter, mas tampouco igualando-se ao isomorfismo representacional meramente animal/não sapiente². Intenções, significados e redes conceituais são localizados e dependem de formas de vida para sua formulação, circulação e aplicação. Como tais aspectos, todos fatuais, isto é,

² No sentido de que não se trata de uma forma meramente representacional que possa ser postulada como anterior àquela inferencial/propriamente conceitual. Mas uma forma que só se revela ao sapiente.

contingentes no mundo atual, e ligados ao nosso modo de ver o mundo, poderiam ser apropriados para falar sobre características absolutas imbuídas nesse mundo? O que é independente de nosso pensamento não deve ser construído com base em linguagens que reforçam o caráter de mediação necessária do nosso pensamento e nossa visada em relação às coisas e relações. Determinar o que diferencia as linguagens formais e as naturais permitiria entender o que em uma linguagem está apoiado sobre a absolutidade da contingência.

As linguagens formais então são modeladas como sendo capazes de pensar um signo desprovido de sentido. A matemática que não fala de nada deve poder acessar a contingência eterna, por sua suprema indiferença ao significado. Visar uma coisa como fato é vê-la como ordinariamente contingente. Já ter uma visada especulativa envolve vê-lo como portando uma contingência eterna. Ver algo como um signo iterável, de um tipo que tem unidade mas não significado e que pode ser repetido indefinidamente... Perceber como este, para a construção de uma rede de signos, é arbitrário e poderia ser outro... Vê-lo como também inseparável de sua ocorrência, podendo também estabelecer séries e então permitir contagens. O autor sugere que ver as coisas como signos desprovidos de sentido é semiotizá-las, contra as linguagens naturais, que as semantizam. Assim, uma linguagem formal permitiria uma pura relação, uma formalidade que esvazia o sentido ao ver as marcas e as coisas como signos igualmente vazios em relações recíprocas de variação tipográfica.

Essa rápida explicação certamente não dá conta de todos os passos argumentativos do autor. Entretanto, e ainda que os leitores consultarem o artigo, algo parece faltar. Pois qual a relação que permite passar de uma linguagem formal capaz de pensar algo vazio de sentido, até a especulação de que algo vazio de sentido desvela o ser da eterna contingência? Depois de estabelecer "o critério pelo qual as linguagens naturais e as linguagens formais difeririam decisivamente" , como iremos verificar se o lógico-matemático está "bem apoiado sobre uma intuição implícita da contingência eterna"? (Melliassoux, 2018, p. 61) Mas como uma intuição se verifica senão no próprio intuir? É pela intuição do signo desprovido de sentido que deixamos "o mundo físico onde tudo parece ter uma causa, para penetrar no mundo semiótico puro – onde nada mais tem razão de ser, onde nada tem sentido – onde tudo, conseqüentemente, respira a eternidade". (idem, p. 88)

Há portanto uma intuição que nos faria enxergar nas coisas signos desprovidos de sentido, podendo assim contá-las. Mas mais que isso: há uma intuição que vê nos tokens dos signos desprovidos de sentido (kenotipos - tipos sem significado), nas ocorrências desses signos-basais instanciados, a eterna contingência. Pois cada token remete a um tipo anulado quanto ao seu significado e conceitualidade e portanto, intrinsecamente exterior às redes de significação e intencionalidades humanas. E esse kenotipo possui como propriedade essa arbitrariedade substitutiva radical. Então, se eventualmente a absolutidade de signos-operadores for alcançada,

permitindo sair do signo-base absoluto, o signo desprovido de sentido, rumo a algo que permita uma conexão direta com uma teoria fundante da matemática, como a axiomática padrão da teoria dos conjuntos, de Zermelo-Fraenkel, então o objetivo colocar-se-há mais próximo. A matemática se conectará ao absoluto. E isto nos será então evidente, isto é, intelectualmente intuitivo.

3.

Com as diversas referências a Descartes, o quão neo-cartesiano o projeto de Melliassoux é? Há de fato um retorno ao fundacionalismo, à necessidade de fundamentar o conhecimento e estabelecer um ponto de partida para a construção do edifício do conhecimento. Um edifício entendido como uma única enorme edificação, no entanto apoiada sobre uma base que, uma vez em ruínas, arrastaria consigo todo a construção. Assim, tal como Descartes, as operações, a partir do estabelecimento de algo certo, são ditas derivadas e aspiram ao dedutivo, apoiando-se firmemente no que foi primeiramente estabelecido (o cogito, depois Deus ali, a contingência aqui).

Para Descartes, entretanto, a edificação levará às verdades quanto às coisas em si, seguindo a luz natural que Deus nos fornecera, através da clareza e distinção, apoiada na matemática e na física matematizada. Para o projeto de Melliassoux, as ciências matematizadas poderão também restituir propriedades do mundo atual, radicalmente independentes do pensamento, propriedades verdadeiras da realidade independente de nossa existência para o pensamento. No entanto a ciência poderá apenas a título de hipótese fornecer tais pensamentos verdadeiros em si sobre os mundos atuais, sendo todos eles passíveis de revisão sempre, pois subordinados ao caos todo móvel e absoluto.

De modo que, se Deus asseveraria o conhecimento do extenso, o Hiper-Caos asseguraria o acesso àquela parte do em si correspondente, mas sujeita a mudanças em si, a qualquer momento. Por isso o acesso, uma vez obtido, a partir do Hiper-Caos, dar-se-á por hipóteses verazes, isto é, que justificadamente aspiram a verdades locais e situadas, ao invés de verdades eternas. Por mais claras e distintas, essas verdades secundárias estão sujeitas à mudanças na estrutura das coisas elas mesmas. Essa possibilidade nos forçaria a pressupor sempre que estas verdades hipotéticas poderiam apenas acabar reduzindo-se em ou revelando-se como formalismos puros do eterno, isto é, verdades sem sentido do virtual. Verdades locais que no entanto não possuem atualidade alguma. Essas verdades do possível não atualizado, isto é, verdades ficcionais, seriam equivalentes a todo pensamento distinto e claro que para Descartes, por ser passível de existir em pensamento, são verdadeiros para o mesmo, não sendo confusos, e ainda, por isso mesmo, também passíveis de serem atualizados por Deus, conquanto ele "possui o poder de produzir todas as coisas que sou capaz de conceber distintamente" (Descartes, 2016, p. 103).

As propriedades matematizáveis da realidade são ditas, por Meillassoux, *deutéro-*

absolutórias, absolutos secundários, locais, válidos para o mundo atual mas sujeitos à contingência absoluta, "*primo-absolutória*", está válida para todos os mundos possíveis. Diferentemente de Descartes, aqui não há justamente o Deus que garantiria a estabilidade do conhecimento e o seguraria no lugar, no único mundo possível, o atual. Lembremo-nos da passagem da quinta meditação:

"Com efeito, ainda que eu seja de tal natureza que, a partir do momento em que compreendo algo muito clara e distintamente, sou levado naturalmente a crê-lo verdadeiro, apesar disso, porque sou também de tal natureza que não posso ter o espírito sempre preso a uma mesma coisa, e frequentemente lembro-me de haver julgado uma coisa verdadeira, quando paro de considerar as razões que me obrigaram a julgá-la como tal, pode suceder durante esses momentos que outras razões apresentem a mim, as quais me fariam facilmente mudar de opinião, ignorasse eu que houvesse um Deus" (Descartes, 2016, p. 99).

A ausência de Deus, de um Ente necessário, princípio auto-instaurador da razão suficiente, justamente susta a estabilidade do conhecimento, dando lugar ao princípio da Irração, onde a única coisa necessária é a contingência e seus desdobramentos; onde nada deve *ser-assim e não de outra forma*. Mas se nisso, Meillassoux está com Descartes, ainda que sem Deus e então sem a verdade fixa, é porque o Hiper-Caos, ao subtrair o suposto Criador, não recai no Gênio Maligno.

Pois Descartes, após constatar que há ocasiões em que os sentidos nos enganam e em seguida que nos sonhos estamos em uma situação enganadora, porém temporária e sem memória, formula o Gênio Maligno para absolutizar o engano, atingindo a potência especulativa máxima do falso, na dúvida hiperbólica. Assim, pode obter a certeza única que adviria do engano constante, de modo a dela derivar a excessão necessária no falso, a verdade indelével que aquele que duvida e é enganado seja uma coisa que pensa. A intervenção de Deus (daquele que possui todas as perfeições, que incluem a existência como perfeição, segundo o "argumento ontológico") e da luz natural (da capacidade de formular ideias distintas e claras) anula a possibilidade do Gênio. Pois Deus, por não possuir imperfeições, não pode enganar e, em virtude da proximidade da luz natural ao divino, embora sem a infinitude, tampouco pode deixar um demiurgo ardiloso à solta. Isto é, se nos deu a capacidade de buscar e reconhecer verdades, não pode permitir que estas simplesmente sejam indecidíveis em relação à realidade extensa.

Se formularmos então o Hiper-Caos como negando Deus, que negou o Gênio, nem por isso a dupla negação volta ao ponto inicial. Pois a contingência absoluta tampouco pode garantir a certeza do engano. E o falso não se confunde com a incerteza. O sistema proposto por Meillassoux não busca tornar a incerteza epistemologicamente certa. De fato, ele possui um momento em que tal é aventado, mas apenas para logo em seguida transformar o dado negativo da contingência

radical em dado positivo, em sabedoria, em "factualidade"³. Um Deus ausente ou imperfeito que não desse lugar ao Gênio Maligno, em Descartes, também provocaria, exceto ao cogito, o efeito ontológico da incerteza e contingência, embora situado no momento negativo e não sendo capaz de derivar sabedoria deste. De fato, se o Deus cartesiano não fosse perfeito, ou estivesse ausente, não se daria meramente o vagar disperso do pensamento humano, a mudar de opinião e a confusamente tratar coisas ora como verdade ora como não. Existiria uma igual dispersão ontológica na realidade, pois esta também constantemente amparada por Deus. A passagem, que sempre me faz rir, por imaginar um colega a realizar uma pantomima da figura do Deus, balançando os braços com as mãos para cima, a constantemente a agir o tempo todo em tudo, consta na terceira meditação. Lá é dito que cada parte temporal da nossa vida, de sua infinidade de partes, não depende em absoluto das outras. A conservação necessita "do mesmo poder e da mesma ação que seriam necessárias para produzi-la e criá-la novamente" (Descartes, 2016, p. 72). Criação e conservação à luz natural, não diferem, mas apenas no nosso modo habitual, confuso, de pensar. Não há poder em mim que faça com que eu que seja agora, o seja no futuro. Para Descartes, dependemos, como todo o resto, do poder de Deus de constante criação. Pois não há conservação propriamente dita: ela é apenas a sequenciada criação de momentos consistentes uns com os outros. O modelo é portanto, idêntico àquele do início do desenho de animação, onde há uma única lâmina para cada quadro, e é preciso desenhar sempre tudo, para depois pô-las em sequência e passá-las em sucessão. Quem via no movimento da animação e depois do cinema, um misterioso princípio a ir do discreto ao contínuo, não deveria ali pressupor um truque, um engano, mas intuir o funcionamento do mundo.

Um Deus cartesiano capenga forneceria então um modo de funcionamento ontológico similar ao do Hiper-Caos. Talvez, por esse Deus inclusive ser capaz de produzir aquilo que para nós é inconcebível, além de tudo o que concebemos clara e distintamente, ele, diferentemente do Hiper-Caos, possa prover contradições. Entretanto, com ele não seria possível intuir a eterna contingência de tudo ao visar as coisas como signos desprovidos de sentido. "Pela intui-fio do signo *ds*, deixo o mundo físico onde tudo parece ter uma causa, para penetrar no mundo semi..tico puro – onde nada mais tem razão de ser, onde nada tem sentido – onde tudo, conseqüentemente, respira a eternidade" (Meillassoux, 2018, p. 88). Tampouco, com a divindade imperfeita, posso descobrir no que é, através do pensamento, uma contingência ilimitada se não a ela mesmo e um caos subterrâneo que funda toda ordem⁴. O Deus perfeito havia supostamente deixado em nós marcas: a ideia de si mesmo e as ideias inatas, que nos conduziam à luz natural, das formulações claras e distintas, que nos levariam às verdades eternas. Ele havia nos feito à sua imagem e semelhança, mesmo que finitos e imperfeitos. O Hiper-Caos, por sua vez, permitiria-

3 Curiosamente em Descartes as ideias factícias são as que a imaginação produz graças ao poder de combinar arbitrariamente ideias; são ditas quiméricas (vide 2006, livro parágrafo).

4 Vide Meillassoux, 2008, p. 82.

nos desdobra-lo, afim de que o acessemos como intuição intelectual.

4.

Na noveleta *A Busca Onírica por Kadah*⁵, de H. P. Lovecraft, o protagonista Randolph Carter sonha três vezes com uma fabulosa cidade ao poente, observando-a de cima, em um terraço, sempre acordando antes de poder descer as escadas e acessar o que lhe maravilhava. Após o terceiro frustrante despertar, reza aos deuses dos sonhos e depois em próprio sonho reza, que lhe permitam uma visita completa. Mas como nunca mais vê a cidade, procura sacerdotes, desperto, em uma obscura caverna, acreditando que agora os deuses do fora escondiam-lhe a visada, e proibiam-lhe o acesso a tal locação no mundo dos sonhos. Carter resolve ir a Kadah, ao palácio de ônix dos Grandes Antigos, para perguntar-lhes pessoalmente a localização. Os sacerdotes então o aconselham que tal busca resultaria na morte de sua alma e que o paradeiro da desconhecida Kadah nas terras oníricas era um completo mistério. E que poderia inclusive encontrar-se em outro mundo dos sonhos. Muitos perigos seguiriam, mas acima de tudo, haveria também:

aquele perigo final chocante que gagueja inominavelmente fora do universo ordenado, onde nenhum sonho alcança; aquela última mancha amorfa da mais profunda confusão que blasfema e borbulha no centro de todo o infinito - o ilimitado demônio-sultão Azathoth, cujo nome nenhuma boca ousa proferir em voz alta, e que rói avidamente em inconcebíveis câmaras escuras além do tempo em meio ao batuque abafado e enlouquecedor de tambores vis e o gemido fino e monótono de flautas amaldiçoadas; para o qual as batidas e silvos detestáveis dançam lentamente, desajeitadamente e absurdamente os deuses supremos gigantescos, os Outros Deuses cegos, mudos, tenebrosos e estúpidos, cuja alma e mensageiro é o caos rastejante Nyarlathotep⁶ (Lovecraft, 22, 2011).

É claro, Carter não respeita as admoestações sacerdotais e parte à busca de Kadath, até finalmente entrar no palácio de ônix e conseguir a informação de como acessar a cidade de seus sonhos. Quem lhe conta o paradeiro é nada menos que o mensageiro dos deuses exteriores, Nyarlathotep. Este revela-lhe que a fabulosa localidade tinha sido de fato criada pelo protagonista, em seus sonhos de uma Boston esquecida de infância, composta de memórias já perdidas, mas inscritas em seu inconsciente, de uma estranha enorme familiaridade, da proximidade íntima do esquecido. Os Grandes Antigos, tendo percebido aquele oásis de conforto ligado à estabilidade polida de toda incerteza e inconstância, tinham decidido mudar-se para

5 *The Dream Quest of Unknown Kadath*, escrito em 1927.

6 "that shocking final peril which gibbers unmentionably outside the ordered universe, where no dreams reach; that last amorphous blight of nethermost confusion which blasphemes and bubbles at the centre of all infinity - the boundless daemon-sultan Azathoth, whose name no lips dare speak aloud, and who gnaws hungrily in inconceivable, unlighted chambers beyond time amidst the muffled, maddening beating of vile drums and the thin, monotonous whine of accursed flutes; to which detestable pounding and piping dance slowly, awkwardly, and absurdly the gigantic ultimate gods, the blind, voiceless, tenebrous, mindless Other Gods whose sould and messenger is the crawling chaos Nyarlathotep."

lá e trancá-la a Carter. Mas o Caos Rastejante os queria de volta. A realidade não impedia aquilo que era sua antípoda. Acolhia a cidade de Carter no não-completo da indiferença cósmica. O constante medo de que Azathoth turvasse ou deformasse a existência era também a possibilidade improvável da criação daquilo que fosse esteticamente perene, acolhedor e reconfortante. E Carter, tal como Azathoth, que teria "murmurado coisas que sonhara mas não podia entender" (Lovecraft, 2009, soneto XXII), havia criado uma realidade em sonho.

Entretanto, se é possível chamar de realidade sua cidade onírica é porque tudo o que chamaríamos de realidade não passava de um sonho do próprio Azathoth. As flautas e os tambores cósmicos produziam "ondas sem objetivo cuja combinação aleatória dão a cada frágil cosmos a sua lei eterna" (idem). Ou seja, o mantinham a dormir, impedindo-o de acordar e assim destruir todo o tecido do real atual. De modo que, se o pavor indicaria a relação habitual a esse ente absoluto do *Surcaos*, numa relação de constante insegurança e incompreensão, Carter haveria acessado algo menos eterno do que o horror advindo da ideia da mudança radicalmente indiferente, mas ainda assim, de alguma forma perene. Ele havia conseguido criar no mundo atual uma realidade tal como O Criador e ainda afirmar incrivelmente a possibilidade do amor em meio a um quadro existencial essencialmente frio; não-humano a ponto de ser percebido como anti-humano.

Devemos então diferenciar o inconsciente que mantém uma relação pelo menos parcialmente debitária para a consciência, daquele inconsciente produtivo que se postula como força criadora, anterior à consciência. Em Carter eles coincidem, produzindo o acontecimento que é sua cidade. Azathoth sonhando, entretanto, significa: a produtividade está produzindo. As forças cósmicas estão se compondo e se sustentando. E a continuidade desse estados de coisas é garantido alegoricamente pela música que é tocada para que o Demônio Sultão continue a sonhar. Isso implica que parte das condições de existência da realidade tal como sonhada por Azathoth são retroinjetadas na realidade atual de modo a fornecer mecanismos de sua perpetuação, mesmo porque ele se sonha no sonho. Mas há uma insegurança eterna, porque o ente supremo, no fundo, tem prioridade ontológica sobre tudo, e ele não sabe o que faz, sendo puro produzir mas podendo também produzir a não produção quando em vigília, o horror de um nada ao invés de um todo da realidade sonhada. E em ambos os casos, todos os Deuses Exteriores são ditos fora da realidade, tomando forma real ao manifestarem-se de fora para dentro e comunicarem-se quando atuam de modo anômalo, através do seu mensageiro.

As leis eternas de cada cosmo são o resultado nos mundo atuais do fato de que Azathoth continua a sonhar o mesmo sonho. Mas elas são antes percebidas como eternas do que garantidas como tal: não chegam nem a serem absolutas. A qualquer momento pode haver uma mudança do sonho, do sonhar, ou uma cessão e recomeço. Assim, esse desejo de estabilidade que postula a perenidade,

extrapolando tal da funcionalidade da natureza, esbarra na absoluta, inquietante e aterrorizante incerteza quanto à continuidade da própria realidade local. Essa incerteza é decerto tida como conhecimento nos ciclos obscurantistas dos saberes subterrâneos, mas ela é também intuída. Pois Nyalarthotep, o caos rastejante, à comunica, dando a perceber erupções desconcertantes, bizarras e enlouquecedoras de falhas no tecido do real, deturpações causadas por inconsistências oníricas, ou intervenção dos Deuses Exteriores menores.

Melliassoux chama essas criações e modificações parciais mas ex-nihilo de fulgurações irruptivas (2018, p.51). Quando o Hiper-Caos o faz gerando mudanças estáveis, origina brechas intrespassáveis na realidade, verdadeiras fissuras ônticas, como aquelas entre o inorgânico e o surgimento da vida, e entre a mera sciência e a sapiência. Entre a imagem científica e manifesta do homem, ou ainda outra virtualmente porvir entre o mundo atual e o da justiça. Pois nelas o que é percebido como um "traço fóssel", como "pedra de relâmpago", conforme as metáforas do autor, é a radical descontinuidade na realidade. Essa irredutibilidade atesta à impossibilidade de reencontrar nestas uma explicação pelo princípio de razão suficiente. Ou seja, torna visível, aos iniciados, os mistérios e "tesouros enterrados produzidos pelo todo-poderoso não senso, tendo atingido a massa compacta, ou ao menos rachada, do que havia antes" (Meillassoux, 2018, p. 52). No Hiper-Caos, tanto quanto para Azathoth, não se trata, como no caso do Deus calculista prenunciado por Descartes, de fulgurar apenas por uma vez o melhor dos mundos, em uma antecipação da solução de Leibniz. O Hiper-Caos "fulgura sem necessidade, nfo importa qual mundo atual, pela produ-ção de nfo importa qual suplemento irredutível ao que existia até em seu < mago" (idem, p. 51). Assim, se a inexplicável cisão entre o corpo e a alma, a *res cogitans* e a extensa, produz a íntima união de ambas tipificada no dualismo de Descartes, essa síntese disjuntiva justamente se posta como mantendo o mistério inexpugnável de sua união, na qual seus elementos mantêm-se separados. Manifesta assim ser fruto *ex-nihilo* de uma fulguração irruptiva.

Ao causar distorções de realidade, Azathoth fulgura, aparecendo ora como si mesmo fulgurando, ora como outro Deus Exterior a fulgurar. Sabemos que os deuses exteriores se comunicam através de seu mensageiro, o caos rastejante, a desordem localizada. Normalmente, em meio à postura ingênua quanto a realidade desperta ou onírica, os habitantes tomam o tecido desta realidade como algo que não precisa ser notado. Tomam este apenas como as condições de possibilidade da experiência. Entretanto, quando acontecem anormalidades passíveis de serem experienciadas, esses eventos normalmente os marcam traumáticamente. O encontro é de uma enorme violência, mas quando não o é, possui uma sublimidade puramente negativa. Quando descontarmos os perigos existenciais envolvidos; quando há possibilidade de distância, de contemplação, ainda assim, a ultrapassagem por parte do fenômeno derrota a imaginação mas também o entendimento, e o que se formula para evitar o desespero que leva à loucura é um

provisório entendimento do incompreensível. Assim, essas catástrofes do real que mostrariam sua irrazão são recobertas como tipificações de entes - de deuses, ao invés de aparecerem como traços indeléveis do ser, a revelar-se escondendo, isto é, a fulgurar.

Lembrem-se de como os deuses exteriores na mitologia de Chtullu são normalmente referidos. Uma "criatura" como Yog-Sothoth é "aquele que espreita no limiar entre o espaço e o tempo". Não seria melhor dizer então que este é a ampla virtualidade espaço-temporal, que se atualiza como um espaço-tempo atual no mundo onírico ou desperto em que um personagem se encontra? Pois todo o contato com os deuses do fora é radicalmente mediado. E essa mediação é feita por Nyalarthotep. Pois os deuses exteriores não tem interesse nenhum nos afazeres dos sábios. Em comparação com os Grandes Antigos, os deuses dos tempos remotos, que são caprichosos e incompreensíveis, eles são referidos como cegos, surdos, estúpidos. No fim, eufemismos para *completamente indiferentes*. Mas há uma relutância enorme em admitir inteiramente essa indiferença. Há já nos deuses da atualidade uma indiferença que, como intencionalidade sábia, é vista como capricho. Ou seja, é reinscrita em possíveis relações de compromisso e responsabilidade como capricho. Como dificuldade de se relacionar com, sem sair do regime sábio do julgar, confiar, programar, prometer, contar com, punir. Os Grandes Antigos, essas entidades sobrenaturais monstruosas mas corpóreas, possuidoras das duas substâncias e da sua união, são colocadas como modelo para tratar daqueles que estariam acima destes. Há portanto, uma antropomorfização, muito embora de caráter sobrenatural, dos deuses exteriores.

"Mas lembre - aquele mundo sombrio de jardins fungóides e cidades sem janelas não é realmente terrível. É só para nós que assim pareceria" (Lovecraft, *Sussurros na Escuridão*, 2011)⁷. Azathoth então é acessado por nós com o horror do deixar-de-ser sem motivo. Da indiferença esmagadora e prostrante. Como parte dos Deuses exteriores, ele é formulado como uma entidade toda vez que existe um déficit, uma sublimidade das trevas, que substitui o alívio por estar fora da zona de perigo imediato, e a compreensão de que o humano é capaz de realizar ou ao menos conceber aquele fenômeno, por um movimento em direção ao terror extremo da incapacidade superior do entendimento. A incapacidade dos habitantes do universo ficcional do autor de captar de modo são essa radical independência do pensamento e da significação, resultado da indiferença cósmica, revela um modo de intuir no horror e na impossível compreensão uma ligação ao eterno. E não me parece que, no caso do Hiper-Caos, a derivação da necessidade da não-contradição garantiria a impossibilidade desse traumático experienciado com distância. Diríamos que há inúmeras maneiras não contraditórias de danificar a psique. Incluindo aquelas na qual a psique em questão é mais fragilmente construída em relação aos desvios da irrazão. O inconcebível concebido de Lovecraft, a descrição que postula regimes de

7 "But remember - that dark world of fungoid gardens and windowless cities isn't really terrible. It is only to us that it would seem so" (*The Whisperer in the Dark*).

existência como criaturas, os amorfismos que são detalhados como formas, são tentativas de acolher um déficit que não precisa ser ontológico, mas apenas epistemológico.

No fundo, a diferença entre o iluminado Hiper-Caos e o penumbroso Azathoth é aquela da postulação da racionalidade que acolhe o irracional contra aquela que é por ele subjugada. Se no conto da *Cidade Inominada* de Lovecraft, com "eras ainda mais estranhas, até a morte pode morrer"⁸, o terror promovido pelo caos nuclear no centro do universo talvez só seja percebido como tal, porque na morte da morte não seria possível imaginar uma vinda do mundo da justiça, conforme Meillassoux em *A Imanência do Outro Mundo* (2009). Isto é, ali não se imagina um Deus tornado ôntico, a regular realmente a Terra e a garantir-lhe a justiça, impedindo as mortes terríveis, precoces e odiosas, atrozess interrupções da vida...

Entretanto, invertendo a perspectiva, também diríamos: é por ainda não termos presenciado uma fulguração radicalmente traumática que não nos recolhemos amedrontadamente.

5.

No artigo *Ficção Científica e Ficção Extra-Científica*, Meillassoux coloca o problema especulativo do mundo extra-científico, aquele no qual a ciência experimental seria impossível e não simplesmente desconhecida ou não empregada. A ficção extra-científica, XSF, seria aquela que dá conta de formular histórias passadas em mundos ficcionais extra-científicos. Devem, portanto, obedecer ao requerimento de que eventos ocorridos na história não possam ser explicados por uma lógica, existente ou imaginária. Isto é, que existam de fato eventos inexplicáveis por natureza. Ademais, a questão da ciência deve ser colocada; a ciência deve estar presente como um fantasma, uma falta, na ausência de suficientes regularidades ou na presença de absurdas mudanças inconsistentes. Na exploração da existência de obras ficcionais que atendem a tal e na explicitação da possibilidade de um gênero a lidar com esse campo problemático, o autor contribui para aproximar o campo imaginário atual, da nossa realidade, interpretada como regida pelo Hiper-Caos.

As três possibilidades que ele aventas são: i) introduzir uma única catástrofe que coloca os protagonistas, de uma hora para outra, em um mundo no qual fenômenos inexplicáveis são massivamente produzidos. ii) Multiplicar as fulgurações de modo a produzir uma forma de nonsense, beirando o puro gracejo. Promover situações absurdas e inesperadas em um mundo com uma *vis comica*, um poder burlesco. iii) Produzir uma incerteza que despedaça o real e o torna insólito. As opções são então colocadas como: a catástrofe, o nonsense burlesco, a incômoda incerteza numa novela atmosférica.

Embora próximos da terceira categoria, os contos mencionados de Lovecraft tem um caráter de fantasia estranha e uma ênfase no ocultismo que os afasta do tipo de

8 "And with stranger aeons, even death may die" (The Nameless City).

ficção discutido. Encontram-se longe de uma atmosfera racionalista, mesmo que de ultra-realismo da Irração. Melliassoux entretanto menciona algumas obras no artigo, dentre as quais *O Guia dos Mochileiros da Galáxia*, de Douglas Adams. O faz em relação à opção do nonsense burlesco. Seria uma novela

"em que achamos um 'gerador de improbabilidade infinita': uma máquina que produz à vontade os mais absurdos eventos e transforma mísseis ou em um vaso de petúnias ou em uma cachalote que medita enquanto despenca ao chão do planeta mais próximo. Mas aqui nós estamos lidando com uma máquina que ainda está sujeita às leis da chance (ela produz 'improbabilidades' infinitas); e seu gerador foi inventado por meio de um raciocínio ele mesmo probabilístico. Um raciocínio que, se piadista como todo o resto da novela, não é menos coerente. Finalmente, essa máquina pode ser iniciada e parada à vontade, como toda máquina, e então não apresenta um evento sem causa, por definição incontrolado." (Melliassoux, 2015)⁹

Assim, o livro falha em prover um exemplo de XFS. O que a ciência imaginária consegue nesse mundo é criar uma máquina que introduz, durante um período específico e em um âmbito delimitado, absurdidades. *Ad hoc* e temporariamente, portanto. Quero no entanto sugerir aqui outra abordagem. Como num *fanfic*, imaginem que Marvin, o andróide paranóico, com sua vasta capacidade intelectual, saiba que a contingência é absoluta. Ele vê então, embora sem ânimo algum, dado seu caráter depressivo, que o gerador contido na nave Coração de Ouro seria uma primeira tentativa de acessar essa força criadora desconcertante que é o Hiper-Caos. Entretanto, Marvin logo percebe o quanto essa máquina é insuficiente, sendo meramente uma triste tentativa sapiente subordinada a fins mesquinhos, como o de atravessar o universo em busca de "aventuras". As aventuras são sem sentido, o mundo e o ser, mas também é especialmente sem sentido aproximar-nos ao Hiper-Caos dessa forma. Entretanto, Marvin também percebe ali que a limitação da máquina revela algo suficientemente próximo ao que a imaginação poderia formular quanto ao Hiper-Caos. E suspira melancolicamente.

O gerador de improbabilidade infinita acumula improbabilidade e a faz tender ao infinito, isto é, faz tender a zero as probabilidades que registra. Essas probabilidades são referentes a eventos possíveis no mundo. Quanto maior a improbabilidade, isto é, menor a probabilidade, menos chance teria aquele evento de acontecer nas proximidades do gerador, em uma situação normal. Entretanto, e aqui mora sua potência, o gerador gera alguns dos eventos pertencentes às categorias de improbabilidade que registra. Ele o faz aleatoriamente, segundo algo vago e insólito,

9 "in which we find a "generator of infinite improbability": a machine that produces at will the most absurd events and transforms missiles either into a bowl of petunias or into a sperm whale that meditates as it descends to the ground of the closest planet. But here we are dealing with a machine that is still subject to the laws of chance (it produces infinite "improbabilities"); and this generator was moreover invented by means of a reasoning that is itself probabilistic. A reasoning that, if it is in jest like the whole novel, is not any less coherent. Finally, this machine can be started and stopped at will, like every machine, and thus does not present a causeless, by definition unmastered event."

combinando uma plotadora de vetores atômicos, um circuito lógico quântico e um produtor de movimentos brownianos fortes (como uma xícara de chá quente). Assim, quando o gerador tende à improbabilidade infinita, promove a geração de um evento, da totalidade de eventos sob a categoria de maximamente improváveis. E na verdade, se para uma dada locação um evento é maximamente improvável, então, quando o gerador de improbabilidade se encontra naquele âmbito, este torna-se automaticamente quase certo de acontecer, como no caso do protagonista ser resgatado da morte certa no vácuo sideral pela materialização de uma nave espacial no exato ponto em que ele se encontra.

A princípio temos então algo que envolve o pensamento probabilístico e que tem um expediente de explicação imaginário, mas existente. A máquina é possível dentro daquele mundo e seu funcionamento é explicado sem infringir, aparentemente, nenhuma lei daquele mundo, não sendo um exemplo de XSF, nem de gerador de fulgurações irruptivas reais, isto é, verdadeiramente hiper-caóticas. No máximo, possuem características que parecem mágica, na acepção da terceira lei de Clarke, de que uma tecnologia suficientemente avançada é indistinguível de mágica, para aqueles que não dominam as teorias sobre seu funcionamento. Sobre seu funcionamento, parece equivocado pensar que para cada categoria de improbabilidade, isto é, para cada valor registrado, haveria uma lista com todos os itens que pudessem ser gerados num dado momento e situação. Existe portanto uma explicação que traduz à linguagem ordinária o que deve ser um funcionamento regido por combinações matemáticas, cuja certa totalidade dos valores é calculável num certo momento. Assim, mesmo que os resultados sejam imprevisíveis, há uma explicação para a produção destes; para a combinação complexa de valores que os geram. Sob esse ponto de vista, e em vista de resultados como aquele do capítulo 9 (Adams, 2002), essa aproximação não é radical o suficiente, ou denota uma absoluta contingência. Pois lá os personagens Arthur e Ford parecem estar à beira-mar em Southend, Essex, Reino Unido, quando avistam um sabugueiro cheio de arenques. Então, como uma imaginação profundamente marcada pela necessidade do humor e circunscrita a uma postura bastante inglesa perante o humor, poderia construir exemplos de absurdos verdadeiramente absurdórios, e não apenas locais, absurdistas ingleses? O absurdo só se apresenta como tal para aqueles que pertencem aquele mundo, também aparecendo como comédia inglesa nonsense para os leitores.

Esse é um problema da imaginação, de fato. A rejeição de Meillassoux ao pensamento probabilístico surge quando ele deve mostrar que as leis estáveis da natureza, tal como existem hodiernamente, são plenamente justificáveis. É preciso portanto inverter o problema de Hume no sentido de mostrar como, num mundo sujeito à contingência radical, é possível estabilidade. É preciso mostrar como plenamente possível a existência das leis da natureza como contingentes. Assim, Meillassoux deve combater a ideia kantiana de que se as leis da natureza não fossem necessárias, o mundo atual seria tão improvável que simplesmente não

seria, ou ainda, ele mudaria tanto que não permitiria a estabilidade necessária que garantiria as condições de possibilidade de toda experiência. Assim, o autor imputa a Kant uma ideia probabilística do universo, como se houvesse um todo dos mundos possíveis e das possibilidades de conformação ôntica, da qual o atual seria apenas uma delas, especialmente improvável e perdida em uma infinidade totalizável de casos.

Descartes garantira a estabilidade do mundo postulando um Deus onnipresente e a todo momento coerente, em meio a um horizonte em que já pressupunha a estabilidade e homogeneidade quanto as coisas. Lovecraft montara um irracionalismo que, uma vez colocado em movimento, tende a mantê-lo ao gerar meios irracionais de auto-manutenção (a música que nina Azathoth). Meillassoux sugere que na ideia de não totalizável da formalização dos fundamentos matemáticos existe um modelo que torna a recaída no pensamento probabilístico do extremamente improvável desnecessária. E que portanto, como o universo não precisaria ser totalizável, não deveríamos usar uma razão probabilística para tratar deste, sendo a estabilidade das leis da natureza plenamente possível enquanto contingente porque, justamente, ela é contingente.

Com o gerador de improbabilidade infinita uma ideia de irracional foi almejada, tornando o irracional o nonsense racionalmente produzido. Ao dar forma pro que seriam fulgurações irruptivas menores, locais e temporárias, entretanto, a formulação esbarra no problema de que para alçar o absurdo na literatura é preciso de uma lista conhecida de coisas (objetos, situações, conjunções) absurdas. E que para alcançar o imprevisível é preciso uma intuição rara e possivelmente tingida de localismos, alguns bastante pronunciados, da comédia inglesa no caso. Talvez, para amenizar esses problemas, fosse possível usar ferramentas matemáticas, com geradores probabilísticos. O âmbito destes deve estar de antemão definido, e por mais anômalo que seja, estarão sujeito a modelagens, controles de perfil etc. Entretanto, talvez seja possível controlar o processo produtivo, mas garantir que dele emerge resultados inesperados, não almejados, conseguindo relegar a um algoritmo a função do inesperado e liga-lo a uma produtividade independente da nossa imaginação.

O problema de imaginar o Hiper-Caos é enfim que ele é adequado a tudo (à excessão de suas limitações derivadas), sento absolutório. A imaginação, sendo apenas um dos produtos especiais e contingentes de uma contingência absoluta, é deficiente em relação à realidade, sendo ainda menos adequada quando aborda o possível especulativo do não atual. Assim, e sabendo disso, é apenas um comportamento especialmente evidente dentro do regime do Hiper-Caos que queremos imaginar. Esse torna-se evidente por comparação a outros absolutos e outras formulações de essências do mundo. Notadamente, queremos imaginar a instabilidade, a surpresa, a irrupção, o abismo e a brecha que caracterizam aquilo que não é o estável. Porque, através do hábito, pressupomos psicologicamente a

estabilidade do nosso mundo e nosso estar no mundo. Queremos então algo que evidencie nosso erro cotidiano, nossa confiança excessiva na continuidade. Na medida que o gerador de improbabilidade infinita consegue produzir o nonsense burlesco como efeito, ele se aproxima desse desejo.

Referências

Adams, Douglas. *The Ultimate Hitchhikers Guide to the Galaxy*. New York: Random House, 2002.

Descartes, René. *Meditações Metafísicas*. Trad. Edson Bini. Edipro: São Paulo, 2016.

Heidegger, Martin. *Identidade e Diferença*. Em: *Os Pensadores: Martin Heidegger. Conferência e Escritos Filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. Editora Nova Cultural: São Paulo, 1996, p. 171-200.

Lovecraft, Howard P. *Fungi from Yuggoth*. Disponível em <http://www.hplovecraft.com/writings/texts/poetry/p289.aspx><http://www.hplovecraft.com/writings/texts/poetry/p289.aspx>, página revisada em 20 de outubro de 2009, acessada em 19 de junho de 2019.

_____. *The Illustrated Complete Works of H.P. Lovecraft (English Edition)*, e-book. Editado por CthulhuChick.com, 2011.

Melliassoux, Quentin. *After Finitude: an Essay on the Necessity of Contingency*. trad. Ray Brassier. Continuum: New York, 2008.

_____. *Iteração, reiteração, repetição - Uma análise especulativa do signo desprovido de sentido*. Em *Eco-Pós - Dossiê Realismo Especulativo*, v.21, n.2, 2018, p. 12-93.

_____. *L'Immanence D'outre-Monde*. Em: *Ethica*. Rio de Janeiro, v.16, n.2, 2009, p. 39-71.

_____. *Science Fiction and Extro-Science Fiction*. Trad. Alyosha Edlebi. Minneapolis: Univocal, 2015.